



# AZUL

ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

*Redacção:* Santa Rita Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,  
Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thingo Peixoto.

— Curityba, 13 de Maio de 1900 —

## Enterro de Ophelia



**M**orreó. Vae a dormir, vae a sonhar . . . Deixa-a!  
(Falae baixinho: agora mesmo se ficou . . .)  
Como Padres orando, os choupos formam ala,  
Nas margens do ribeiro onde ella se afogou.

Toda de branco vae, nesse habito de opala,  
Para um convento; não o que Hamlet lhe indicou,  
Mas para um outro, olhae! que tem por nome Valla,  
Donde jamais sahio quem, lá, uma vez entrou!

O doce Pôr-do-Sol, que era doudo por ella,  
Que a persegua sempre, em palacio e na rua,  
Vêde-o, coitado! mal pode sustar a vela . . .

Como damas de honor, Nymphas seguom-lhe os rastros,  
E assomando no Céo, sua Madrinha, a Lua,  
Por ella vae desfianto as suas contas, Astros!

*Antônio Nobre.*

# ANTONIO NOBRE

## I

**A**s arvores sem as capellas vivas das flores, como Rainhas descoroadas e de sceptros cahidos, erguiam para o céo silente e piedoso, os braços nús, em afflictiva e dolorosa supplica.

A aragem fria do outono fazia bailar no horizonte triste e brumoso, as folhas cahidas, côr de esparsas madeixas de ouro antigo.

O crepusculo fino que descia, cobria com um véo de névoas, as torres das Igrejas e os descampados solitarios.

Foi sob essa luz vesperal e indecisa do poente, que appareceo, como uma exquesita flôr de neve, «toda de branco, n'esse habito de opala», a estranha e magoada Noiva d'Elle.

Trazia no brilho amortecido do olhar pizado, o perfil de virgens mortas, entre rozas, e as sombras de sonhos que as rajadas do inverno haviam desfolhado.

O alvo véo engrinaldado de flores mortuarias, que velava-lhe o rosto pallido, fluctuava serenamente à viração da tarde que morria.

Encontrou o seu Noivo, entre lyrios verdes de Esperança, entre crenças d'ouro, a sôñhar, no solar cor de turqueza galvanizado de prata, e com o mirante azul erguendo-se infinitamente, phantasticamente, para o céo constellado do Futuro.

Despertou-o docemente, com carinho na voz.

Vinha de longe, disse, vinha fatigada.

O ar frio que passava, cortava-lhe as carnes anemicas sem tons rubidos de alvorada, como as petalas d'uma flor polar.

E a pallida Dona Tysica, beijou com os seus labios algidos, a fronte do Poeta, e envolvêo-lhe o corpo no manto que trazia, feito do pallor dos luares e do gelo dos invernos amortalhados. E não o deixou jamais! „Persegui-o sempre, em palacio e na rua.“

Soluçava, com a alma estrangulada, quando via-o sorrir, com os seus labios brancos, para as Damas que se iam a cantar, frescas e bellas, descuidosas e felizes, pelas varzeas alem, e por entre choupos.

E o Artista foi com Ella, por essas noites enfloradas, tangendo ao luar, o bandolim de bohemio.

E o cavalleiro foi com Ella, de plumas e de elmos, soberano como um Rei, no seu branco corsél, a galopar por entre as flôres d'ouro do ether.

Tempo depois, volton. E sobre o trevoso Altar Mór da Morte, Elle ajoelhou-se para receber a Noiva Mystica e eterna. E foi agora com Ella, a nevada Tysica, sonhar, entre os cyprestes de esmeralda.

## II

Hoje, sobre o coração de Antonio Nobre, sobre o lyrial das suas esperanças, negros vermes florescem e passeiam silenciosamente, em remaria, por sobre os seus Sonhos.

Um punhado de terra humida tapou aquella bocca que andava cantando trevas e alleluias, entre as estrellas e entre a morte. Extrano poeta que caminhou na vida por sobre ossadas de agonias; as casuarinas verdes, balouçam-se agora, tremulas e inquietas, em oração ao crepusculo, sobre o peito do pobre viajor perdido.

Ah! como nos peza essa cruz erguida sobre o corpo desse Artista!

No entanto, “como padres orando, os espiritos nobres formam alas” pasmos e mudos, nas margens

do caminho por onde Elle se partiu.

E como Damas d'Honor, as almas dignas, onde o Azul com o pallio de estrellas, resplandece, seguem-lhe os rastros de alvorada e, vão em agonía e em delírio, desfiando os seus versos: Astros!

E nesse algido convento, não o que a loira Esperança lhe in-

dicou, mas n'esse outro que o luar d'os sonhos desfeitos alaga, e para onde a sua Noiva o arrastou, que sonhe em paz, o Templario vencido no caminho que todos nós trilhamos, vagos e incertos.

2 de Maio 1900.

*Santa Rita Junior.*

# Misérere

*Ao Antônio Nobre.*

## I

Arte!

escuta...

Alem, chorando, escuto os sinos... plangem sinos...

Vão resando!

Vede! o Sete-strello está de luto...

Um Cavalleiro chora e vae passando!

## II

O' Deus!

*o Azul não chora! o Azul não chora!*  
e o Céo esconde o rutilo Estrellario...  
e a Noite passa e não se aloira a Aurora!  
e o Sol parece um cyrio funerario!...

O' Deus! porque o Azul tambem não chora?

## III

Arte!

Lyrios morrem! Talvez se fine a Luz do Dia!...

Uma Lyra cae!

uma Lyra cae no solo e tine  
e a terra parte!...

— Olhae! Olhae!

Passa um enterro...

## IV

Alem, chorando, escuto os sinos... plangem sinos...

Vão resando!

Vede! o Sete-strello está de luto...

Um Cavalleiro chora e vae passando!

Um cavalleiro passa para a Cova!...

## V

O Sol parece um cyrio funerario e tomba...

Olhae! fluctua a Lua nova!  
Vede! já brilha o rutilo Estrellario!...

Uma Lyra cae no solo e tine  
e a terra parte  
e um Throno se enfloresce no Hymalaia  
da Arte!

## VI

O' Deus! porque o Azul tambem não chora  
se a terra, d'um tristor vago, desmaia,  
e a Noite passa e não se aloira a Aurora?

## VII

*Um Cavalleiro dorme lá no Azul!*  
*Não n'o desperte, ó vento Sul!*

*Generoso Borges.*

## Terror presago

*A. Thiago Peixoto*

Constricto, me ajoelho, e á indefinida Altura  
 Elevo, muita vez, o meu olhar e indago:  
 O motivo porque me acobarda e tortura  
 Todo o meu coração num receio presago.

E longo tempo assim, nessa estranha postura,  
 Invocando o Senhor, esse divino Orago,  
 Levo, cheio de fé, e minh'alma procura  
 Descortinar, em vão, este mysterio vago . . .

Sem esperança ter... Por fim desanimado  
 Ao chão eu volvo o olhar, e como um desgraçado  
 Filho da magoa atroz e da dor inclemente.

Que martyriza tanto, e que tanto espesinha,  
 Maldigo este terror que me punge e amesquinha  
 E ponho-me a chorar desesperadamente.

*Adolpho Werneck.*

## Recapitulando . . .

→ ← → ←

*A. Hippolito Pereira.*

→ ← → ←

**C**ôr jalne estiolado e baço das folhas no outono, tinha o esmalte fosco dos dobrões antigos aquella pagina esquecida onde, annos volvidos — ô saudade! — elle insculpira em dithyrambos soltos, cantarolando e rindo, o enredo todo passional e ovante do seo unico e desditoso idyllo.

No abandono — pagina morta — nem a barcarolava mais uma, duas vezes, repetidas vezes, como nos bellos tempos idas em que elle, n'uma paschoa triumphal de risos, andava a rezar os psalmos amoraveis e ma-

drigalescos — olhos errantes pelo Azul, sonhadoramente, como si os lesse no psalterio flavo das constelações. A' distanciados trechos, somente empolgado pelo tedio, n'esses dias fatidicos de sombra, em que na alma de luto plange, abafado, o carrilhão da nostalgia e magoas, elle agora, em piedosa romaria ao passado extinto, demorava ainda os olhos nublados de agoa n'aquella pagina tresealante a lyrios seccos onde outr'ora, n'uma clarinante e rubra eclosão de mocidade e affecto, gravára enfeixadas, as mais rútilas e doces e doutras phantasias! Ah! mas que dor profundamente aguda, eternamente rediviva trespassava-lhe, então — flecha hervada e cruel — de lado

a lado o coração dorido! Que penosissima e triste exhumação!

Nunca, nas horas mansas de tranquillidade, nos raros instantes de alegria e calma teria o ânimo preciso para realisal-a! Só mesmo preso á polè extraçalhante do tédio, emparedado na cisterna inquisitorial do desespero como viajor perdido n'algum tunnel em trevas onde falta-lhe o ar e onde vae sucumbir, era-lhe possível — não nevadas e hirtas — profanar a urna que encerrava sob o *aqui jaz* sinistro dos mausoléos altos, as cinzas — pollén de flores, de illusões e beijos — do seo saudoso e mal-sinado amor.

E era justamente n'estes momentos terríveis que elle — blasphemô e ateo, imprecando o presente, injuriando o porvir, envolvendo astros, deuses e a humanidade inteira n'um odio requintadamente feroz — sentia um goso quintessenciado e inedito em reviver, fazendo resuscitar com um *surge et ambula* potente o Passado, esse, como o Lazaro lendario, leproso extranhamente sublime.

Então, cantasse embóra o sol lá fôra madrigaes ás rosas! misanthropo e soturno, carregando sobre a alma o escuro alboroz da resignação, punha-se ante o crystal nitente da memoria a manusear o pesado in-folio de sua ingloria e atribulada vida.

E as folhas, umas apoz outras, tardas e morosas, tarjadas de negro como virgens de luto — véo de crepe de alto à baixe, n'uma procissão de Senhor morto — lá se iam, morosas e tardas, volvendo até que

afinal surgia, com reverberos de perolas orientaes e pallor de cirios mortuários a mais triste de todas e a mais evocadora tambem de fisionhas emoções vencidas e bellos sonhos impiedosamente massacrados. Vendo-a, apparecia-lhe, como por magia, n'uma imagem fugitiva e brumosa que se aproximava, avançando, accentuava-se, corporisando-se, o episodio do seo contristador adyllio tão casto, tão edênicamente simples e no entanto apunhado em meio....

Amavam-se, eram ditosos, ditosos e invejados, invejados porque adoravam-se tanto! Breve seriam noivos quando as gaivotas brancas revoasssem festivas, azas abertas navalhando a flor dos mares e as cigarras, n'uma tenuta turbulenta e intermina, estridulassem algazarreantes... Os lyrios tambem estariam desabrochados... E elles seriam noivos entre os aromas e canticos, ao ruflar de azas, á sombra das magnolias abertas. Seriam noivos... ah! mas de repente — ó falsidade suprema! — Ella lá se fôra, noiva sim, mas pelo braço de outro, fluctuando — gondola de amor — em ondas de riso e gazes ao flanco de outro, mais venturoso que elle, um phelisteo amplamente lôrpa! E elle — nem sabia como não estaláralhe o coração no peito! — ficára ludibriado, atirado a um canto como menestrel a quem houvessem, noite alta e sinistra, assassinado e roubado a lyra e exposto depois, sem canções nos labios, na poeira fina das estradas longas... Felizmente fôra tão rude e brutal o golpe que elle nem soubera amaldi-

coal-a! Mais tarde a ancia rubra  
de vingança amainara, esvaecendo-  
se, até que, na sua alma enamorada e afflictiva raiara alfin a auro-  
ra redemptora do perdão. — Que  
se fosse, pensara, a Dama ingrata,  
que se fosse a infiel e por Ella,  
no Azul, as estrellas segredando-se,  
que vigiassem curiosas... Para elle  
ficaria apenas a Saudade violinan-

do, eternamente dentro d'aquelle  
pagina cõr jalne dos dobrões an-  
tigos que era o seo pergaminho de  
cavalleiro errante, porque depois  
que ella se fôra — noiva pelo bra-  
ço de outro, — era sabido, nas re-  
dondezas todas, que elle se chris-  
mara o cavalleiro rosa cruz da  
Magos...

*Euctides Bandeira.*



## SÓ

*Ao Hypolito Pereira*

A minha Dama era tão bella  
Loira princesa de Alem-mar,  
Hoje nem sei, ó minha estrella,  
Onde demora o seo solar.

Cedo partio, finou-se tudo,  
Em vão procuro-a sem cessar;  
— O' velho sol, austero e rudo  
Dizei-me aonde a irei buscar.

Sob as acacias perfumadas,  
Ambos dormimos a sonhar;  
— Tardes, manhans e madrugadas,  
Fallai, fallai, d'aquelle olhar.

Jamais, jamais, entre as alfombras,  
A beijarei sob o luar...  
— Flores, dizei, dizei-me, ó sombras,  
Se a podereiinda beijar?

A minha Dama era tão bella,  
Loira princesa de Alem—mar;  
Hoje nem sei, ó minha estrella,  
Onde demora o seo Solar.

*Thiago Peixoto.*



## LOCTUS

---

Ha pela esplanada hibernal da minha alma, immensa, vaga tristura de exilio.

Campo abandonado de sonhos, seio esteril de amores e illusões, coalhou-o a brancura da magua, quedou-o a mudez dos tumulos.

Nenhum som vivo, colorido, roseo de sol aportou ao seu deser-

to immenso. Ali não ha o azul bondoso das primaveras, o céo tem a cor dorida da saudade, as estrellas tem as fulgurações palidas das lagrimas.

Cemiterio vasio, extenso, povoa-o apenas a muda nostalgie, flor de espinhos que viceja n'alma dos proscriptos, amante pallida dos foragidos, dos abandonados...

*Nicolau dos Santos.*



## Vozes d'alma

*A Euclides Bandeira.*

Que vim fazer ao mundo eu que do mundo apenas  
Conto somente magoas, dores e tristezas?

— Ave que quiz subir, mas teve sempre as pennas  
Pela mão da desgraça fatalmente presas?

O Amar assim como eu essas regiões serenas  
Das Esferas dos sonhos—immortaes grandezas,  
E não poder deixar estas cousas pequenas  
Pelos festins da Luz e pompas das bellezas!

Vivo preso á materia vil que me subjuga  
E me crava com a dor dos cravos de Jesus.  
E choro, mas ninguem siquer meo pranto enxuga.

E erro pelo mundo com um ser sem luz...

Ai! quando vens tu ó Morte! — o' gloriosa fuga  
Dos braços dolorosos de tão longa Cruz?!

# Arte de amanhã

(Barlet e Lejay)

Distinção das escolas de pintura.

A Arte esteve sempre subdividida em escolas, cuja numero se tem multiplicado na razão do afastamento das origens. Na Itália, foram numerosas as escolas da Renascença: Sienense, Florentina, Umbria, Ferrarensiana, Bolonheza, Milaneza, Piemonteza, Romana, Veneziana e muitas outras! Nas phases de decadência as escolas se reduzem, e quando a vida se extingue, as distinções desaparecem, amortalhadas na mediocridade, como o haviam estado, anteriormente na ignorância. Não ha motivo, portanto, para essa grita eusurpedora que se faz em torno de nossas escolas de Arte. Ha, porém, que sua natureza parece mais inquietadora que o seu numero. Notam-se entre elles profundas divergências, até agora desconhecidas, inovações por tal forma imprevistas, que nos surprehendem na lethargia de nossos hábitos, como faltas sordidas que inteiramente condennassemos. Quem se não recorda dos sarcasmos, das revoltas que acolheram o successivo estabelecimento do romanticismo, do realismo, do impressionismo, do symbolismo? Diziam a todo o instante que certas escolas são apenas o culto bizarro engendrado de tempos de conven-

cional; que nelas se rebuscado o banal, o vulgar, o torpe, sob pretextos de verdade; alguns desciam aos improprios: ignorância, charlatanismo, venalidade! Não negaremos alguns trespassos de discípulos por demais zelosos; porém, afirmamos, a despeito de tantas divergências, que cada uma de nossas escolas assinala vigoroso esforço para aperfeiçoamentos que muito logo legitimos. Affirmamos ainda que não ha nenhuma, por mais nova, que não tenha raizes no passado, que se não prenda nitidamente a algum dos typos, aos quaes se pode filiar a arte da Pintura.

Affirmamos ainda que essas escolas têm aparecido no tempo mais proprio, segundo as leis universaes da evolução; e, engendradoras até hoje unicamente pelos instintos de nossos artistas, podem esclosionar mais rapidamente, na perfectibilidade que a forma rudimentar mascara ainda, se, explicando, se lhes faculta o complemento, que aspiram, de luz e calor.

Para demonstrar, porém, estas assertões, é preciso remontar um momento ás origens da Arte e seus principios.

Continua.

## Expediente.

O AZUL sarà publicado quinzenalmente.

**ASSIGNATURA:**

2 mil réis por trimestre.

**REDACÇÃO:**

**PRACA DA REPUBLICA N.º 4.**

→ „Typ. Der Beobachter“ ←